



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

Bett, Ianko

Em nome do Pai: Participação da Igreja Católica na repressão política da Argentina (1955  
-1969)

História Unisinos, vol. 13, núm. 2, mayo-agosto, 2009, pp. 203-206

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866833008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re<sup>2</sup>alyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Resenha

---

### *Em nome do Pai: Participação da Igreja Católica na repressão política da Argentina (1955-1969)*

*In the name of the Father: The Catholic Church participation in the political repression in Argentina (1955-1969)*

Ianko Bett<sup>1</sup>  
ibett@bol.com.br

VERBITSKY, H. 2008. *La violencia evangelica. Historia política da la Iglesia Católica*. Tomo II. De Lonardi al Cordobazo (1955-1969). Buenos Aires, Sudamericana, 440 p.

Na obra *La Violencia Evangélica*, Horácio Verbitsky, conhecido na Argentina como o principal periodista investigativo da atualidade, dá continuidade ao estudo que realiza sobre a responsabilidade e o envolvimento da Igreja Católica argentina nos processos de repressão política ocorridos durante as ditaduras militares.<sup>2</sup> Publicado pela Editora Sudamericana, em 2008, o segundo tomo de *Un Siglo de Historia Política (1884-1983)* coloca em destaque um tema recorrente na historiografia contemporânea da Argentina, sobretudo a produzida a partir da segunda metade do século XX, que consiste em focalizar a participação da Igreja Católica no processo político daquele país. Nesse tomo, o autor analisa um período decisivo para a compreensão do processo ditatorial e violento que viria irromper na década de 1970 na Argentina, ou seja, os anos que se estendem da derrocada de Perón (1955) até o fim da década de 1960 (Cordobazo). Baseando-se em um extenso e variado *corpus* documental<sup>3</sup>, identifica e analisa a maneira como decisivas forças conservadoras da sociedade, naquele período, se articularam e de que forma colocaram em prática uma gama de diretrizes e posicionamentos para salvaguardar a importância da Igreja Católica e sua frente aos seus inimigos declarados: o peronismo e o comunismo.

A indagação “O que fazer com o peronismo” perpassou as preocupações da elite governamental que tomou o poder após o golpe de 1955 e vem sendo objeto de estudo dos historiadores da atualidade (ver Spinelli, 2005). É, também, o assunto de abertura do livro de Verbitsky. Reconstruindo o panorama

<sup>1</sup> Mestrando do PPG História/ UNISINOS.

<sup>2</sup> Suas obras anteriores sobre esta mesma temática foram *El Silencio* (Verbitsky, 2005), *Doble Juego. La Argentina católica y militar* (Verbitsky, 2006) e *Cristo Vence. La Iglesia en la Argentina. Un siglo de Historia Política (1884-1983)* (Verbitsky, 2007).

<sup>3</sup> As principais fontes de pesquisa utilizadas pelo autor são os jornais de grande circulação, documentos eclesiais, documentos diplomáticos, além de diários pessoais e entrevistas com pessoas ligadas ao contexto político do período.

político do período, o autor enfatiza a incapacidade dos novos governantes e dos grupos que se uniram na frente golpista, incluindo aí a própria Igreja Católica, de subtrair a influência ideológica do partido que, majoritariamente, alcançava os mais diversos setores da sociedade argentina. Utilizando-se da documentação levantada, o autor analisa os diversos movimentos da hierarquia eclesiástica para ocupar uma posição central nas decisões políticas ou, segundo suas palavras, “recatolizar a sociedade” (Verbitsky, 2008, p. 53), já que havia perdido consideravelmente seu poder de influência durante a vigência do governo de Perón<sup>4</sup>. Dentre eles, é possível citar a incessante busca por ocupar o espaço do peronismo nos sindicatos, o intenso debate acerca da educação e do ensino religioso nas escolas e universidades, como também a criação do *Vicariato Castrense*, ou seja, a capelanias militar e o seu poder de influência nas Forças Armadas<sup>5</sup>. Segundo Verbitsky, a Ação Católica e as capelanias castrenses desenvolvidas pelo Arcebispo de Buenos Aires à época, Antonio Caggiano, foram os principais pilares que sustentaram o projeto de recatolizar a sociedade argentina e de intervir nas suas decisões políticas.

É preciso destacar a ideia defendida pelo autor, de que a busca, por parte da Igreja Católica, pela retomada de seu poder de influência na sociedade argentina e nas decisões políticas do país não deve ser entendida apenas como uma forma de recuperar o poder em si e de manter seus privilégios<sup>6</sup>. É preciso, também, levar em conta outras motivações que fizeram parte dos embates travados pela hierarquia eclesiástica frente ao peronismo no período. Nesse sentido, o autor destaca o entendimento que se formou, junto aos setores conservadores, de que a presença do peronismo, principalmente entre os trabalhadores, poderia abrir as portas para a infiltração comunista. Mesmo que, nesse período, a influência comunista na Argentina tivesse carecido de maior expressividade – algo que, por diversas vezes, é advertido pelo autor –, se agudizaram os debates acerca da relação peronismo/comunismo e, na relação com outros fatores, como, por exemplo, a modernização, a excessiva liberalização na imprensa, o liberalismo maçônico e o antissemitismo, fizeram com que a Igreja Católica fosse entendida como o baluarte de defesa das “tradições cristãs e ocidentais” (grifos meus) da Argentina.

Na análise desse contexto, Verbitsky remonta a trajetória ideológica e de atuação que possibilitou que a Igreja Católica argentina integrasse, ainda no início da década de 1960, uma ampla frente conservadora, da qual participaram, entre outras instituições, as Forças Armadas Argentinas. Essa união entre clérigos e militares é muito bem destacada durante todas as passagens do livro, mas é no segundo capítulo que o autor realiza as demarcações importantes que possibilitam entender o modo como foram selados os elos entre as duas instituições. Assim, além de identificar os intercâmbios entre militares argentinos e militares franceses que haviam adquirido experiência de guerra contrarrevolucionária na Indochina e Argélia (década de 1950), Verbitsky explica a formação doutrinária dos militares argentinos, os quais viam, no catolicismo, um poderoso instrumento de controle social. O autor refere que grande parte do alto oficialato já havia participado dos “cursinhos da cristandade”<sup>7</sup> promovidos pela alta hierarquia católica. Em sua narrativa, muitas vezes, o autor, quando faz alusões ao processo ditatorial da década de 1970, mostra também como, a partir da influência da doutrina militar francesa, as sessões de tortura foram legitimadas e colocadas em prática com o consentimento, inclusive, de membros da alta hierarquia católica.<sup>8</sup>

A partir da realização do Concílio Vaticano II, iniciado em 1962, embates internos na Igreja Católica argentina ganham páginas na *La Violencia Evangélica*, permitindo, ao leitor, o conhecimento de um dos processos de luta mais intensos da conjuntura política da década de 1960. Com as novas diretrizes do Vaticano, a Igreja Católica estava transformando a sua doutrina e postulando ideias que reafirmavam a sua responsabilidade social. Entretanto, não foi bem isso que foi posto em prática pelo chefe maior da igreja argentina no período, o Cardeal Caggiano, que, como já se verificou, também acumulava a função de Vigário Geral das Forças Armadas (Vicariato Castrense). Declaradamente não simpático às renovações conciliares, Caggiano e os sacerdotes que faziam parte da ala mais conservadora do catolicismo argentino se depararam com resistências, que provinham, em grande parte, das organizações do

<sup>4</sup> Alguns autores colocam o conflito que Perón manteve com a Igreja Católica como um dos principais motivos da sua derrocada do poder em 1955. Ver Bianchi (2001) e Caimari (1994).

<sup>5</sup> O tema da relação entre Igreja e Forças Armadas é ainda pouco explorado pela historiografia não só argentina, mas latino-americana em geral, especialmente nos momentos de rupturas institucionais como os dos golpes militares das décadas de 1960 e 1970.

<sup>6</sup> O autor nos fala de uma série de privilégios concedidos para a Igreja neste período, como isenção de taxas de impostos e contribuições dos templos, conventos e colégios religiosos, como também a tentativa de demarcar uma nova ordem, restituindo feriados religiosos que haviam sido suprimidos por Perón e excluindo do calendário datas alusivas ao peronismo.

<sup>7</sup> Os cursinhos eram grupos de estudos formados por 8 a 12 pessoas, que se reuniam semanalmente e que tinham a missão de propagar “la verdad y la formación cívica para la contrarrevolución, al servicio de la salvación de la Patria” (Verbitsky, 2008, p. 223) à luz da doutrina da Igreja Católica e dos Papas.

<sup>8</sup> Dentre inúmeros processos apontados pelo autor que exemplificam a aproximação entre Igreja e Forças Armadas, destaco a inauguração, pelo arcebispo de Buenos Aires Dom Caggiano junto com o presidente Frondizi, em 1961, do primeiro curso interamericano de guerra contra-revolucionária, organizado na Escola Superior de Guerra com assessoramento dos instrutores enviados pelo governo francês (Verbitsky, 2008, p. 127).

apostolado laico (como a Juventude Universitária Católica – JUC, a Juventude Estudantil Católica – JEC e a Juventude Operária Católica – JOC). Essas alas reformistas aumentavam seu poder de influência no seio dos sindicatos, na Confederação Geral do Trabalho (CGT) e nas universidades, mas sofriam oposição de parte dos próprios membros da hierarquia da Igreja, como Bispos e Padres, simpáticos, também, às novidades do Concílio. O autor mostra que o grande problema, no entendimento da alta cúpula conservadora, era que esses grupos de católicos estavam estabelecendo uma reflexão que excedia as fronteiras do pensamento cristão, na medida em que a perspectiva teórica do Concílio passava a ser entendida como uma articulação doutrinária entre o marxismo e o cristianismo.

A partir dos dissensos e das disputas políticas e ideológicas ocorridos no seio do catolicismo argentino, somados ao agitado ambiente sociopolítico daqueles tempos, Verbitsky, a partir do terceiro capítulo, analisa o processo que culminaria na deposição, em 1966, do presidente Arturo Illia pelos militares, encabeçados pelo Tenente General Onganía. Demonstra, assim, como, em mais um momento da História argentina, uniram-se setores conservadores das Forças Armadas e da Igreja com o propósito de restabelecer a “unidade espiritual do povo argentino” (Verbitsky, 2008, p. 227), conforme estabelecia a “Ata da Revolução Argentina” (Verbitsky, 2008, p. 227). Além de demonstrar a “órbita eclesial” (Verbitsky, 2008, p. 228) do processo, o autor estabelece as diversas conexões entre os grupos e os sujeitos envolvidos, quando aponta nomes e associações bem como as formas das articulações estabelecidas entre eles.

Instalou-se a repressão sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional e sob a concepção católica do governo de Onganía que, na opinião do autor, identificava-se com a encíclica *Rerum Novarum* do século XIX. Em nome de um mundo mais cristão e da proteção contra a subversão comunista, desencadeou-se um processo de censura nas mais diversas manifestações culturais e políticas com intuito de “asegurar el orden y la paz social y de impedir que se generalizara el concepto materialista de la vida” (Verbitsky, 2008, p. 247). Os setores mais atingidos pela repressão foram as universidades, com a destituição de reitores e a perseguição de alunos e professores considerados marxistas.

Frente a esse cenário, o autor descreve as conexões, principalmente ideológicas, que possibilitaram articular os sacerdotes vinculados ao pensamento pós-Conciliar na luta por mudanças estruturais na sociedade latino-americana. Na Argentina, especificamente, à luz das ideias da Encíclica *Populorum Progressio*, publicada por Paulo VI em março de 1967, e da segunda Conferência

Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM), em Medellín (1968), intensificou-se o embate interno na Igreja, principalmente no que diz respeito à posição oficial da instituição que, mesmo após o Concílio Vaticano II, mantivera estreita articulação com o poder e com as elites. Foi o momento no qual os militantes católicos, inspirados nas renovações conciliares e no movimento dos Sacerdotes do Terceiro Mundo, reforçaram a oposição frente ao governo militar ou à *dictadura cursilista*, conforme a denomina o autor, afirmando, assim, o comprometimento social do catolicismo. Neste ponto, o autor destaca uma diferença significativa entre o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín: “es evidente la impronta liberal del concilio, que postuló con el esquema constantiniano de relación con el poder temporal, y el libertacionismo de Medellín, que invitó a la lucha política con o por el poder” (Verbitsky, 2008, p. 320).

A partir da constatação da divisão da hierarquia católica argentina em três linhas de pensamento, quais sejam, uma linha tradicionalista, conservadora, que reivindicava o catolicismo integral; uma linha de centro, de caráter progressista e liberal; e, por fim, uma corrente de protesto social, que remete a um catolicismo revolucionário com base popular, o autor recupera a atuação de grupos como os *curas obreros* (Verbitsky, 2008, p. 295). Esses grupos penetraram, com suas ideias, nas vilas e na classe trabalhadora, fustigando a população a reivindicar melhores condições de sobrevivência, incluindo, nesse processo, métodos que ultrapassavam a reivindicação verbal, chegando até a luta armada com a formação de guerrilhas.

Nas últimas linhas do livro, o autor se dedica a recuperar os episódios do Cordobazo, acontecimento que marca o fim do período de sua análise, no qual as diferenças ideológicas do clero católico e de seus seguidores se manifestaram e se desdobraram em altos níveis de violência. Citando Roberto Bosca, Verbitsky finaliza seu livro deixando pensar justamente sobre o cerne epistemológico que pautou o confronto católico: “Tanto el integrismo nacionalista como el progresismo tercermundista compartían una naturaleza político-religiosa a partir de lo que llama una lectura ideológica del Evangelio”. E finaliza: “Dentro de las fronteras de la Iglesia Católica Apostólica Romana iban quedando definido algunos de los actores de la tragedia que se avecinaba” (Verbitsky, 2008, p. 358).

Resta-nos, agora, esperar pelo terceiro Tomo.

## Referências

- BIANCHI, S. 2001. *Catolicismo y peronismo: Religión y Política en la Argentina (1943-1955)*. Tandil, Trama, 346 p.
- CAIMARI, L. 1994. *Perón y la Iglesia Católica. Religión, Estado y Sociedad en la Argentina (1943-1955)*. Buenos Aires, Ariel, 392 p.

SPINELLI, M. S. 2005. *Los vencedores vencidos: el antiperonismo y la revolución libertadora*. Buenos Aires, Biblos, 345p.

VERBITSKY, H. 2007. *Cristo Vence. La Iglesia en la Argentina. Un siglo de Historia Política (1884-1983)*. Tomo I. De Roca a Perón. Buenos Aires, Sudamericana, 442 p.

VERBITSKY, H. 2006. *Doble Juego. La Argentina católica y militar*. Buenos Aires, Sudamericana, 444 p.

VERBITSKY, H. 2005. *El Silencio. De Paulo VI a Bergoglio. Las relaciones secretas de la Iglesia con la ESMA*. Buenos Aires, Sudamericana, 256 p.